

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

UM ESTUDO SOBRE O LETRAMENTO EM SALAS DE ALFABETIZAÇÃO: INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Aline Marques dos Santos¹
Iara Maria Campelo Lima²

EIXO: Educação e Inclusão Social

RESUMO O artigo tem como objetivo analisar os indicadores do letramento, no processo de constituição da leitura e da escrita, em sala de Educação Inclusiva. A dificuldade na alfabetização, de alunos com deficiência intelectual mobilizou essa investigação. A pesquisa é qualitativa vinculada ao Programa de Iniciação Científica/PIIC/UFS, desenvolvida em 01 sala aula da Escola Municipal X. A perspectiva metodologia é o estudo de caso e os instrumentos para coleta de dados, observação e registro das aulas. A análise se fundamenta na perspectiva sócio-histórico-cultural que dá sustentação teórica a pesquisa. Os resultados tem revelado a intencionalidade da professora no trabalho com o letramento, mas o aprisionamento na concepção mecanicista da alfabetização tem dificultado a percepção dos indicadores que os alunos, inclusive, os alunos com deficiência intelectual tem revelado.

Palavras-chave: Letramento. Deficiência Intelectual. Inclusão.

ABSTRACT: The article aims to analyze the indicators of literacy, in the process of formation of reading and writ in the inclusive classroom Inclusive Education. The difficulty in literacy of students with intellectual disabilities mobilized this investigation. The qualitative research is linked to the Scientific Initiation Program/PIIC/UFS, developed in 01 of the Municipal School class room X. The prospect is the methodology and case study tools for data collection, observation of lessons. The analysis is based on the socio cultural background that supports theoretical research. The results have revealed the intention of the teacher in working with literacy”, but the imprisonment the mechanistic conception of literacy has hindered the realization of the indicators that students, including those with intellectual disabilities have revealed.

Key words: Literacy. Intellectual Deficiency. Inclusion

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar os indicadores do letramento no processo de constituição da leitura e da escrita em sala de educação inclusiva, e nesse sentido faz um recorte da pesquisa intitulada “A significação do letramento na prática de alfabetização de alunos com deficiência intelectual incluídos no processo de alfabetização em salas do ensino regular”, vinculada ao Programa de Iniciação Científica PIIC/POSGRAP/PROEST/UFS, que está sendo desenvolvida numa sala de aula inclusiva da Escola Municipal X na cidade de Aracaju. A pesquisa é desenvolvida na perspectiva qualitativa e tem “o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (LUDKE; ANDRÉ, 1986. p. 11).

A pesquisa se preocupa com o processo de desenvolvimento, e, como de fato as significações do letramento são demonstradas, na prática e na evidencia participação dos alunos com deficiência intelectual e autismo, o que justifica que tenha sido realizado, através da perspectiva metodológica estudo de caso. Para a coleta de dados da pesquisa foram elaborados registros das aulas desenvolvidas, entrevistas com a professora e análise do diagnóstico desenvolvido pela equipe interdisciplinar da Secretaria Municipal de Educação/SEMED. Este artigo traz a análise da prática de alfabetização desenvolvida, destacando o objetivo da atividade, a relação da prática constitutiva do processo e os indicadores de letramento, discute considerações importantes sobre a prática de alfabetização e o letramento nas séries da alfabetização inclusiva, focando atenção na participação dos alunos com deficiência intelectual.

Como resultado tem revelado na prática da professora a intencionalidade do trabalho com o letramento, mas um aprisionamento ainda muito forte no mecanismo da alfabetização o que tem dificultado a exploração e a mediação com a aprendizagem específica, inclusive, deixando de considerar os sinais que os alunos com deficiência intelectual apresentam. Este artigo está organizado em três sub-itens inicialmente tece considerações a respeito dos fundamentos estabelecendo um diálogo entre a Educação Inclusiva e Letramento na

Alfabetização, em seguida apresentará a análise da prática da alfabetização dando relevância a presença dos indicadores do letramento no processo de alfabetização desenvolvido e finalizando apresentará as considerações finais.

Um diálogo: Educação Inclusiva e Letramento na Alfabetização

A proposta de Educação Especial ao longo de sua história se fortaleceu através das perspectivas pedagógicas que centralizavam o olhar sobre a deficiência, de modo que, tanto a proposta de formação como a prática de ensino era desenvolvida na perspectiva segregativa. Discutindo sobre esta questão Lima (2006) vai evidenciar que a perspectiva inclusiva, discutida na atualidade requer um novo olhar, que possibilite ao aluno desenvolver-se afetiva e intelectualmente. A autora chama a atenção que, o aprisionamento do olhar, ao negar à diversidade nega em decorrência a singularidade, no seu modo de ser, de aprender e fazer, nessa evidencia acrescenta “{...} a escola moderna, uniformizadora, não foi capaz de construir o universal a partir do particular”. Tentou inverter o processo, impondo valores e conteúdos universais, sem partir da prática social e cultural do aluno, sem levar em conta sua identidade e diferença. (LIMA apud GADOTTI, 2006, p. 87).

As marcas dessa escola uniformizadora estiveram sempre presente no processo de alfabetização que, prioriza o mecanismo da aprendizagem e dessa forma desconsidera o letramento, negando a evidência de que o mundo cultural esteja presente no cotidiano dos alunos. Desconhecendo desse modo, a importância do letramento para a significação da aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, a escola tem feito pouco uso do convívio do aluno com materiais que auxiliem na compreensão da função social de leitura e escrita, no entanto Soares (2010) nos faz compreender que a importância do letramento, está em se fazer uso das práticas de leituras e escritas presentes na sociedade, pois, convivemos com elas e muitas vezes não percebemos, razão pela qual a escola precisa trazer para o convívio da sua prática.

A essência dessa discussão está na compreensão de que as experiências da prática de leitura e escrita são decorrentes das oportunidades sociais, porque as crianças, adolescentes e adultos compreendem o uso social da leitura e escrita a partir das oportunidades, inicialmente familiar. Logo uma criança filha de leitores e escritores convive com a presença do letramento mais forte do que aquela que os pais não sabem ler nem escrever, ou seja, não fazem o uso dessa prática na mesma intensidade e, nessa condição o problema se acentua quando se trata

do aluno com deficiência intelectual, não só pela deficiência, mas pela falta de oportunidade, o que coloca a escola inclusiva numa situação de maior obrigatoriedade em trazer para sala o letramento, por favorecer a compreensão da função social das práticas de leitura e escrita constituídas no mundo cultural.

De fato, a educação inclusiva requer a constituição de novo olhar, que rompa com a visão determinista e uniformizadora que mobilizava a escola à exclusão do aluno com deficiência, como afirma Montoan (1992, p. 6) “os alunos que recebem um apoio intelectual conduzido por um professor devidamente preparado, são capazes de desenvolver condutas inteligentes”. O aluno com deficiência intelectual é capaz de se desenvolver, contanto que tenha, entre outros fatores, como mediador um professor preparado para lidar com sua aprendizagem, tenha condições materiais e atendimento as suas questões específicas. A construção desse novo olhar requer que o professor olhe para o aluno com deficiência intelectual, acreditando nas suas potencialidades, mediando e criando possibilidades.

Em se tratando da aquisição da leitura e da escrita pelos alunos com deficiência intelectual, Figueiredo (2007, p. 47) afirma que “são semelhantes aos daqueles considerados normais sob muitos aspectos. Esses aspectos dizem respeito ao letramento, à dimensão desejante, às expectativas do encontro, ao ensino e às interações escolares”. Aqui se evidencia a importância em investigar no processo de constituição da leitura e escrita, indicadores do letramento numa perspectiva inclusiva fundada na compreensão que emerge dos fundamentos de Vygotsky (1984) dando realce social a constituição das funções intelectuais se originarem no universo das relações sociais entre os indivíduos humanos, e se desenvolvem ao longo do processo de internalização das formas culturais de desenvolvimento vivenciadas no movimento existencial de ser, aluno com deficiência ou sem deficiência.

O desafio da alfabetização de alunos com deficiência intelectual em salas de educação inclusiva emerge, na sua essência, da compreensão que tem como eixo a linguagem como produto da interação entre os homens, e nesse sentido concordo com Braggio, (2005, p. 83-84) quando rompendo com o sistema abstrato de ensino defende que a linguagem “atualiza-se na enunciação dialógica, completa, num contexto de produção concreto, heterogêneo, multifacetário e contraditório, sendo sua natureza, portanto, intrinsecamente sócio-histórico-cultural”. Para tanto educação precisa desconstruir a alfabetização que é centrada na perspectiva mecanicista das cartilhas que reduz e impõe uma forma padronizada de ler e

escrever. Cagliari (1998, p...) afirma que, “como as cartilhas não sabem lidar com as diferenças no processo de aprendizagem e como preveem somente o certo, nenhum erro será objeto de estudo”, ou seja, por já ser um livro pré-pronto, mecanicamente, não abre possibilidades para que o aluno faça tentativas e/ou erre.

Portanto, na perspectiva inclusiva devemos olhar para o aluno com deficiência intelectual, acreditando nas suas potencialidades, instigando-os a exercer todas as suas capacidades. O aluno com deficiência intelectual precisa ser estimulado, para que exerça e desenvolva suas capacidades cognitivas. Desse modo, o papel da escola é dar atenção ao processo de aprendizagem, levando em consideração, essencialmente, o modelo de aprendizagem do aluno e seu desempenho. As atividades devem sempre partir do pressuposto de que o que está sendo ensinado tem significado para o aluno e possa ser utilizado fora do ambiente escolar.

2 Análise da prática: letramento e função social da leitura e escrita

Para uma melhor compreensão a respeito dos indicadores do letramento no processo de constituição da leitura e da escrita, em sala de Educação Inclusiva, foi desenvolvida a metodologia de estudo de caso e os dados foram coletados através da observação das atividades desenvolvidas na sala de aula inclusiva da Escola Municipal X, na cidade de Aracaju. Considerando o interesse no processo inclusivo desenvolvido, e a participação dos alunos com deficiência, para um melhor aprofundamento e compreensão do estudo foi analisado o diagnóstico dos alunos.

A sala de aula inclusiva do segundo ano do ensino fundamental observada inclui no processo de ensino aprendizagem desenvolvido, dois alunos com deficiência, “A” de oito anos e “B” de nove anos. Das informações colhidas no Diagnóstico disponibilizado pela Escola o aluno “A” é diagnosticado com autismo infantil, segundo o referido relatório o aluno “A” não conhece as letras, os números, não tem noção de quantidade, e das cores só conhece vermelho, porém, sabe escrever seu próprio nome, gosta de assistir documentário que falam sobre animais, principalmente baleias, de acordo com o que sua mãe relatou no diagnóstico. É uma criança com acentuada defasagem, mas com perspectivas de melhoras, tem condições de

evolução escolar, desde que estimulado e dentro de um processo direcionado as suas necessidades. No diagnóstico é recomendado acompanhamento fonoaudiólogo, Educacional Especializado e acompanhamento psicoterapêutico com abordagem familiar.

Das informações colhidas no Diagnóstico disponibilizado pela Escola o aluno “B” foi diagnosticado como deficiente intelectual, não conhece as letras, os números e as figuras geométricas. Tem déficit de memorização e atenção, apresenta um pequeno vocabulário, atraso na linguagem e na fala, áreas cognitivas pouco desenvolvidas. No diagnóstico é recomendado, dar continuidade na sala de Atendimento Educacional Especializado para que seja capaz de acompanhar a série em curso e acompanhamento de fonoterapia. Os pais de ambos não concluíram o ensino médio e não tem convívio com livros, revistas ou quaisquer outros meios de leitura e escrita, tal qual a maioria dos pais de alunos da rede pública.

As práticas foram agrupadas e nomeadas a partir da atividade desenvolvida e o registro das observações está abaixo seguido da análise focando o objetivo da atividade, a relação da prática constitutiva e os indicadores do letramento.

Prática 01: Tematizando o aniversário de Aracaju

A atividade desenvolvida comemorava o aniversário de Aracaju, a professora organizou um texto indicando a data do aniversário, o nome do prefeito, foi colado no caderno dos alunos, enquanto estes conversavam e passeavam pela sala. A professora começou perguntando quem era o prefeito de Aracaju, as crianças responderam: “Déda; Lula; Dilma”, até que “B” respondeu “Edvaldo”. Em seguida a professora leu o texto junto com os alunos. Posteriormente os alunos responderam por escrito às questões abordadas oralmente. O aluno “B” ao invés de copiar as questões no caderno copiou o texto, ao mostrar a professora, esta disse “está errado sente que vou concertar”, em seguida a professora apagou todo o texto que “B” copiou. Depois que ela apagou, devolveu o caderno a “B” e pediu que ele copiasse as questões que estavam no quadro.

A professora apenas se limitou a memorização de informação a respeito do nome do prefeito de Aracaju e desse modo abandonou a possibilidade de trabalhar o letramento lendo e explorando matérias de jornal, folder ou outro tipo de publicação a respeito. Não trabalhou a compreensão da função social da leitura e da escrita e ignorou a participação do aluno “B” apesar de ter sido o único aluno que sabia a informação solicitada. Sob a perspectiva do

letramento, “B” fugindo do objetivo proposto pela professora, deu evidência da compreensão a respeito da prática da escrita.

Prática 02: Exercitando a pseudoleitura

Os alunos fizeram a prova de matemática, os que já haviam terminado foram pegar livros, paradidáticos, para ler. O aluno “B”, que não sabe ler, folheava um livro, quando lhe perguntei de que se tratava ele disse “ainda estou lendo”. Os alunos “B”, “A” e “C”, sentaram-se na mesinha onde estavam os livros e fingiram estar vendendo livros aos outros colegas. Todos entraram na brincadeira, e começaram até a pechinchar os preços. A professora sem perceber o movimento e o desejo de ler dos alunos passou uma atividade para que eles copiassem e respondessem na aula. Na atividade foi pedido para que escrevessem palavras com **B; R e T**, separação de sílabas e escrever o alfabeto com letra cursiva.

Nessa observação percebe-se que “B” entende a importância da leitura, por que mesmo sem saber ler ele folheia livros e exercitando a pseudoleitura acredita e toma confiança do ato de ler, isso expressa o interesse dele em aprender a ler. Em uma entrevista com a irmã de “B”, ela revelou a ausência da leitura e da escrita na família, deixando claro que seus pais não utilizam da prática do letramento, por isso a professora deveria explorar o uso dessa prática, levando revistas, jornais, livros, etc., para a sala de aula, instigando nele essa vontade de aprender a ler, mas infelizmente, não foi o que eu pude constatar.

Prática 03: Pintando e contando

No início da aula a professora aplicou a prova de ciências. Quem fosse terminando tinha um desenho da arca de Noé para pintar. Pude observar que a todo o momento as crianças mostravam à atividade de pintura para a professora ou até mesmo para mim, perguntando se estava certo ou com qual cor deveriam pintar. Depois que terminaram de pintar, colaram o desenho no caderno e responderam as seguintes questões relacionadas ao desenho: 1ª Quantos animais estão na arca? 2ª Que animal está em cima da arca? 3ª Escreva o nome dos animais que estão no desenho. Criou-se uma discussão entre “D” e “A” em relação à primeira questão da atividade. O aluno “A” dizia que tinha quatro animais na arca e a aluna

“D” dizia que tinha seis, no fim todos contaram quantos animais haviam e foi constatado que havia seis animais.

Os alunos a todo o momento precisavam que a professora aprovasse o que eles estavam fazendo. Na contagem não foi pedido ao aluno “A” para que ele mostrasse os quatro animais, que, para ele tinha no desenho. A professora preferiu insistir para que os outros alunos dessem a resposta certa e ignorou a participação de “A”. Foi ignorado o grande desempenho do aluno “A” ele se levantou e ficou de frente para a turma para mostrar a professora que ali tinham quatro animais, a professora pediu simplesmente que ele sentasse. O movimento de “A” foi um desafiar-se como autista. Com essa atitude a professora pode bloquear a iniciativa de “A”, fazendo com que ele se isole ainda mais.

Prática 04: A Parlenda na sala de aula

“Batatinha quando nasce,
Se esparrama pelo chão,
Menininho quando dorme,
Põe a mão no coração.

A professora iniciou a aula com a parlenda escrita no quadro e as crianças deveriam copiar em seus cadernos. Em seguida todos leram o texto e responderam algumas questões, passadas pela professora: 1ª Como nasce a batata? 2ª O que é uma rima? 3ª Quais rimas tem no texto? Depois a professora disse “pintem as palavras, coração de vermelho, a palavra chão de amarelo, a palavra batatinha de azul e a palavra menininha de verde”. Ao termino de cada questão os alunos perguntavam a professora se estava certo.

É nítido que a professora tem intenção de trabalhar outros tipos de textos, além das atividades dirigidas, mas não está sabendo como fazer e acaba se perdendo no meio do caminho. As parlendas são rimas infantis, em versos de cinco ou seis sílabas, para divertir, ajudar a memorizar, ou escolher quem fará tal ou qual brinquedo como está explicado no dicionário de Aurélio. Seu uso no letramento retrata a riqueza do folclore brasileiro, é a linguagem da cultura popular mais próxima para as crianças de classe popular. Ela poderia explorar mais essa parlenda, levar outras, e propor aos alunos que fizessem suas próprias parlendas. Com a atividade proposta a professora está se limitando ao mesmo processo de memorização, usando apenas outro gênero textual diferente do livro.

Prática 05: Ordem crescente e decrescente

Ao terminar a aula de educação física os alunos retornaram a sala de aula e deu-se início a atividade de matemática. A atividade consistia em colocar os números de trinta até trinta e nove, primeiro em ordem crescente, depois em ordem decrescente. A professora exemplificou comparando o tamanho dos alunos, que foram escolhidos por ela, o que é crescente e o que é decrescente. Colocando um do lado do outro de acordo com a altura de cada um.

A professora escolheu os alunos e mostrou pela diferenciação dos tamanhos a ordem crescente e decrescente, mas, não criou situação para as crianças exercitarem livremente na comparação entre si. Outro fator importante seria organizar rótulos de embalagens e de acordo com a quantidade colocar na ordem crescente e decrescente ou outro material que contenha informações matemática para que fosse trabalhado o letramento na matemática, ou seja, trazer o uso social da matemática.

Prática 06: Trabalhando com a TRAVA- LINGUA

Quando terminou a educação física foi dada início à seguinte atividade: 1ª Ler e copiar o trava-língua como uma atividade de caligrafia. “O doce perguntou para o doce. Qual é o doce? O doce respondeu para o doce, que o doce é de batata doce”. 2ª Escreva seu nome completo. A atividade foi colada no caderno de cada um. Segundo a professora ela cola as atividades no caderno para que eles não a percam.

A professora trouxe um excelente material que retrata o uso popular do texto oral e que nessa situação ela estava trazendo o texto escrito. O trava-línguas é uma modalidade de Parlenda é uma atividade prazerosa para todas as crianças sua finalidade é fazer a criança brincar aprendendo algo do folclore brasileiro e, dessa forma, a intencionalidade do letramento está em trazer outra forma de escrita da cultura popular para sala de aula. Mas a professora apenas utilizou o trava-línguas para os alunos praticarem a caligrafia. Desse modo a atividade segundo a perspectiva do letramento, ficou sem sentido. O trava-língua poderia ser trabalhado pela professora estimulando os alunos a brincar e criar trava-línguas ou trazer

outros do seu conhecimento. Da maneira que a atividade foi realizada a professora apenas se preocupou com a caligrafia.

3. Considerações finais

O poetizar de Drummond “No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho” talvez seja a metáfora que mais explique a razão da dificuldade da professora em não operacionalizar em sua prática o exercício do letramento. Fica evidente seu desejo em trabalhar o letramento, usando a cultura popular, quando ela traz a parlenda, o trava-línguas, o acontecimento histórico social, mas, fica visível como sua prática, mantendo a explicação dos assuntos ou determinando como fazer cada atividade, revela marcas de uma perspectiva de formação uniformizadora que dificulta a compreensão e a percepção da diversidade e da função social da leitura e escrita.

Podemos concluir que a professora demonstra ter compreensão de que vivemos em uma sociedade letrada e que o letramento seja fundamental para o entendimento da função social da leitura e da escrita, pois retrata o uso que fazemos dessa prática nos diferentes ambientes, para nos relacionar e nos comunicar socialmente, mas como ela não vivenciou esse processo na sua história de formação, apesar de trazer elementos fundantes para os indicadores do letramento, quando faz uso de diferentes formas de textos, principalmente do folclore brasileiro, ela se perde no conteúdo mantendo na prática pedagógica os mecanismos da repetição, memorização e uma ausência acentuada da escuta à forma de pensar e ser dos alunos com deficiência.

A partir das observações feitas na sala de aula foi possível notar que os alunos, com deficiência intelectual e autismo, permanecem no seu mundo, não sendo garantido a abertura para a diversidade e muitas vezes a voz, a atitude desses alunos ficou ignorada. De fato, o processo mecânico implicado na alfabetização nega o sentido do letramento e consequentemente, para uma grande parte dos alunos, não fica claro a razão pela qual

precisam saber ler e escrever e nesse sentido a educação inclusiva deve criar novas possibilidades, rompendo com o olhar e o pensar do aluno ideal.

A análise do movimento da prática revela a fragilidade da inclusão no conhecimento, no saber, mas também deixa claro alguns avanços na busca dessa perspectiva apesar da falta de assessoramento ao professor nesse desafio. Um olhar atencioso a esse movimento desvela como na tematização do aniversário de Aracaju a professora perdeu a oportunidade de valorizar e fortalecer a atenção do aluno “B” que apesar de ser um aluno com deficiência intelectual foi o único que estava atento e acertou o nome do prefeito de Aracaju, assim como desconsiderou o conhecimento que “B” demonstrou a respeito do uso da escrita tanto no exercício da cópia como da pseudoleitura.

Uma grande fragilidade revelada no processo foi o ignorar do grande desafio de “A” que na condição de autista se levantou e ficou em frente para a turma para mostrar a professora que ali tinham quatro animais, a professora pediu simplesmente que ele sentasse, porque a contagem não correspondia. Ainda na sua tentativa em busca do letramento a professora trouxe atividade significativa como a Parlenda e o trava-línguas, no entanto perdeu o sentido pela prioridade do mecanismo da alfabetização. Podemos finalizar evidenciando a importância do aprofundamento da pesquisa para que possamos ir construindo cada vez com mais afinamento a significação e o sentido da singularidade do letramento na prática de alfabetização inclusiva

Notas

1. Graduanda de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe Bolsista do PIIC. Autora do artigo E-mail: alinelove08@hotmail.com
2. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Inclusão escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED/UFS) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Inclusiva e Necessidades Especiais (GEINE). Coautora do artigo. E-mail: iara.campelo@terra.com.br

Referências bibliográficas.

BATISTA, Cristina Abranches Mota; MONTOAN, Maria Teresa Eglér. Atendimento educacional especializado em deficiência mental. In GOMES, Adriana Limaverde et al. Atendimento educacional especializado: deficiência mental

CÁRNIO, Maria Silvia; SHIMAZAKI, Elsa Midori. Letramento e Alfabetização das pessoas com Deficiência Intelectual. **Teoria e prática da educação**. V. 14, n. 1, p. 143-151, jan/abr. 2011.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. A emergência da leitura e da escrita em alunos com deficiência mental. In: SEESP/SEED/MEC. **Atendimento educacional especializado**. Brasília – DF, 2007

LIMA, Iara Maria Campelo. **A singularidade do olhar**. In: Revista da FAGED. Universidade Federal da Bahia. Salvador: Faculdade de Educação, 1994: v. 10. 2006.

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. A construção da inteligência nos Deficientes Mentais: um desafio, uma proposta. **Caderno de Educação Especial**. Santa Maria: v.1, n. 1, p. 107-114, 1992.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autentica, 2010

VYGOTSKY, Lev Semenivuch **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipola Neto; Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1989.